

NÓTULA SOBRE DOIS VASOS PRÉ-HISTÓRICOS ENCONTRADOS EM COCA (PAREDES)

Vítor Oliveira Jorge
Maria de Jesus Sanches
Susana Oliveira Jorge

1 – INTRODUÇÃO

Nos inícios de 1989 fomos alertados, por uma aluna da Faculdade de Letras do Porto (¹), para o achado fortuito de dois vasos pré-históricos em propriedade de pessoas suas amigas localizada no lugar de Coca, da freguesia de Cete, concelho de Paredes (distrito do Porto). Trata-se da Quinta da Coca (²), situada nas imediações da estação de caminho de ferro de Cete, para sul da estrada esfaltada que se dirige para Recarei, entre a dita estrada e o rio Sousa, em cuja margem direita, portanto, se encontra (v. Est. I).

A descoberta dos dois vasos que vamos descrever foi feita por trabalhadores que arranjavam o jardim, numa pequena área próxima da residência, entre um poço que ali existe e a vedação que a separa da via pública.

Visitado o local (³), verificámos que o corte do saibro na parte contígua à vedação, com o fim de criar um espaço para a plantação de arbustos, tinha exposto duas manchas escuras, de terra humosa, correspondentes ao seccionamento de depressões abertas na aliterite granítica (v. Ests. II e III). Uma delas (A)

era de base circular e tinha c. de 25 cm de prof. máx.; a outra (B), situada a pouca distância para oeste da anterior, era de base plana e tinha quase 40 cm. de profundidade; é de admitir que pelo menos a segunda destas duas depressões fosse de interesse arqueológico, e tivesse algo a ver com os vasos, que foram encontrados na respectiva área, senão mesmo no seu interior (⁴). Com os dados que possuímos é impossível sabermos se se trata de restos de eventual sepultura, ou fossa pertencente a vestígios de um habitat, entre outras possibilidades. No entanto, e apesar de o afirmarmos com todas as reservas, a primeira hipótese parece-nos a mais verosímil: talvez estívéssemos perante uma sepultura aberta no saibro, presumivelmente alongada (do tipo Tapado da Caldeira (⁵)), que teria sido afectada pela estrada e pelo muro da propriedade, ficando reduzida a uma parte terminal aquando dos recentes trabalhos no interior da mesma; os dois vasos poderiam ser oferendas funerárias colocadas nessa eventual sepultura. Infelizmente, no momento em que escrevemos esta nota (Out. 1989) não parece viável qualquer esclarecimento adicional sobre este caso arqueológico. (⁶)

(¹) Cristina Maria Sá Coutinho.

(²) Propriedade do Sr. Júlio Alberto Caldeira, do Porto, a quem agradecemos as facilidades concedidas para o estudo dos vasos, que se encontram na sua posse.

(³) Em finais de Janeiro de 1989.

(⁴) Segundo informação do proprietário, os vasos foram encontrados por trabalhadores, na sua ausência; estes, tendo-os esvaziado do respectivo conteúdo, deixaram-nos no chão, ao lado da área em que cavavam, a qual corresponderia, *grosso modo*, à localização da fossa B.

(⁵) Susana O. Jorge, A estação arqueológica do Tapado da Caldeira, Baião, *Portugalia*, nova série vol. I, 1980, pp. 29-50.

(⁶) Comunicada a descoberta ao S. R. A. Z. N. do I. P. P. C., este deslocou um técnico ao local, e posteriormente (Abril de 1989) solicitou ao proprietário autorização para uma intervenção de emergência. Esta não pôde ser feita a curto prazo, e entretanto a área foi ajardinada com relva, inviabilizando (ou pelo menos dificultando) essa projectada intervenção, tanto mais que o Sr. Júlio Caldeira nos comunicou ter escavado o que restava das fossas A e B. Na sua opinião, a A seria apenas um buraco aberto por raízes de arbustos, enquanto que a B, de que apenas restavam uns 30 a 40cm de comprimento, poderia ter sido parte de uma sepultura. Acrescente-se que para norte da estrada, na área fronteira à casa, foi implementada a «Urbanização da Coca», que também compromete um estudo mais alargado da área envolvente. De registar, apesar de tudo, o interesse revelado pelo proprietário na conservação e estudo dos vasos, sem o que este local arqueológico teria ficado no mais completo olvido. Eis mais um exemplo de como o nosso património - sobretudo o pré-histórico - se encontra totalmente à mercê de circunstâncias aleatórias.

2 - DESCRIÇÃO DOS RECIPIENTES CERÂMICOS

Recipiente n.º 1 (Ests. IV-1 e V-1)

Dimensões:

Alt. máxima - 14,3cm
 Diâm. da abertura (aprox.) - 9,4 cm
 Diâm. máximo - 10,4 cm
 Diâm. do fundo - 6 cm

Descrição técnico-morfológica:

Pasta de boa cozedura, com textura compacta e desengordurante constituído por grande % de elementos micáceos finos e por grãos de quartzo de médio e grande calibre.

As superfícies, irregulares, apresentam-se sumariamente alisadas quer no exterior, quer no interior. São bem visíveis, em ambas as superfícies, as marcas deixadas pelos dedos aquando da moldagem do recipiente.

As paredes são de cor castanho clara tanto no interior como no exterior, embora aqui se encontrem algumas manchas negras decorrentes, supomos, do tipo de cozedura.

Fabrico - manual.

Recipiente fechado, alto, de perfil irregular, com colo alto, carena média e fundo plano.

Estado de conservação - encontra-se parcialmente fragmentado, pois falta-lhe aprox.º metade do colo.

Recipiente n.º 2 (Est. IV-2 e V-2)

Dimensões:

Alt. máxima - 6,2 cm
 Diâm. da abertura - 6,4 cm
 Diâm. máximo (na carena) - 7 cm
 Diâm. do fundo - 2,2 cm

Descrição técnico-morfológica:

Pasta de boa cozedura, com textura compacta e cujo desengordurante, fino, é constituído por aprox. a mesma % de elementos micáceos finos e grãos de quartzo de pequeno calibre.

As superfícies, irregulares e rugosas, apresentam-se moderadamente alisadas no exterior e mal alisadas no interior.

As paredes são de cor castanho clara, com algumas manchas mais escuras tanto no exterior como no interior.

Fabrico manual.

Pequeno recipiente fechado, achatado, de perfil anguloso e fundo plano.

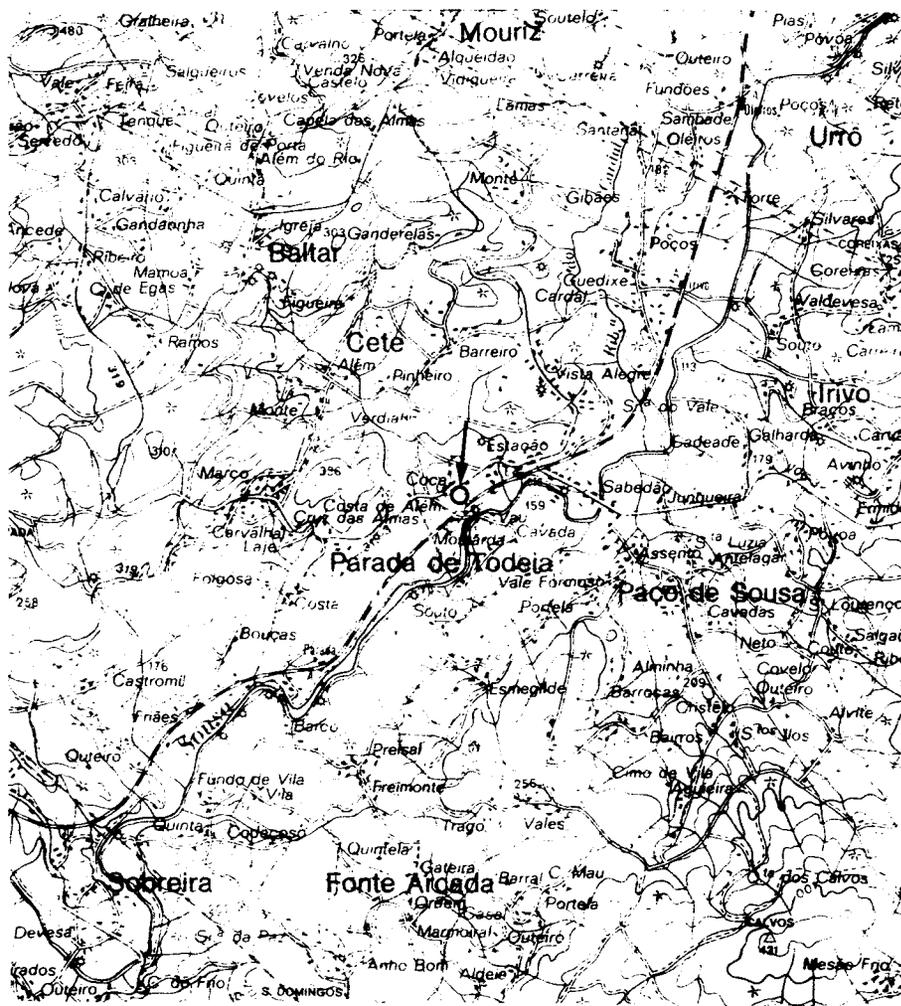
Trata-se de uma forma carenada - com carena média - e colo bem marcado.

Estado de conservação - recipiente quase completo, pois só lhe foram amputados dois pequenos fragmentos no bordo. As superfícies encontram-se corroídas em aprox.º e metade do colo.

III - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morfologia dos vasos descritos não deixa dúvidas quanto a estarmos perante exemplares da Idade do Bronze - não se podendo, com segurança, acrescentar mais nada no que toca à cronologia. Ambos os recipientes são lisos, carenados e de fundo plano, apenas se distinguindo pelas dimensões, pela angulosidade dos perfis (muito mais acentuada no segundo do que no primeiro) e pelo acabamento muito mais apurado no vaso n.º 2 do que no n.º 1, que é um exemplar muito tosco. Alguns indícios que referimos e o próprio facto dos vasos se terem conservado tão bem apontam para um contexto sepulcral, mas há que não tomar essa possibilidade como uma certeza. Enfim, resta-nos dizer que a área, onde a urbanização se expande, deveria ficar doravante na mira dos S. R. A. Z. N., com o fito de se virem a salvar eventuais restos de sepulturas e/ou de nêveis de habitação que, com muita probabilidade, aí terão existido.

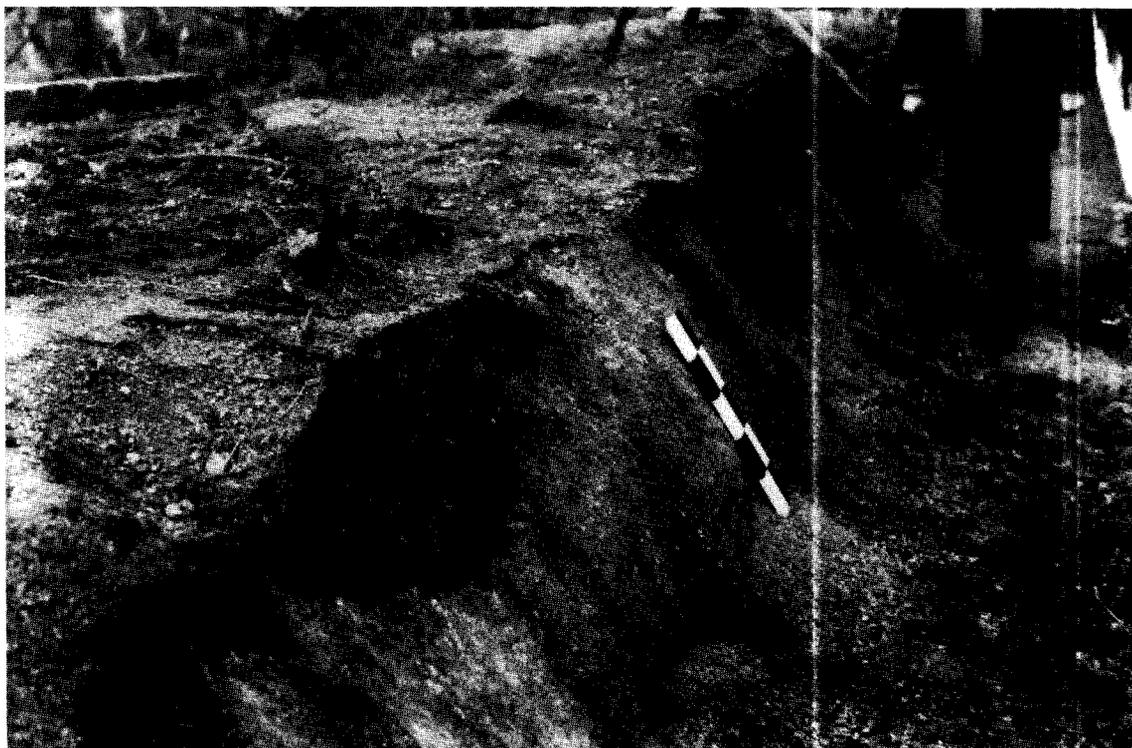
O concelho de Paredes, cuja Pré-história é relativamente pobre de vestígios - mau grado a existência do dólmen de Padrão (Baltar), tão degradado - merece, tal como outros concelhos periféricos do Porto, um cuidado atento dos responsáveis, por forma a que a extensão do modo de vida urbano não arrase definitivamente as raízes do seu passado longínquo. De outro modo, dentro em breve, a ciência pré-histórica só se poderá exercer, no Norte do país, em zonas mais deprimidas economicamente ou mais afastadas dos grandes centros, onde os dados arqueológicos têm mais hipóteses de se conservar, mas onde obteremos uma imagem necessariamente truncada, deformada, da realidade que visamos reconstituir.



Localização do sítio onde foram achados os vasos, na «Carta Corográfica de Portugal» na escala de 1:50.000, folha 9 - D (Penafiel).

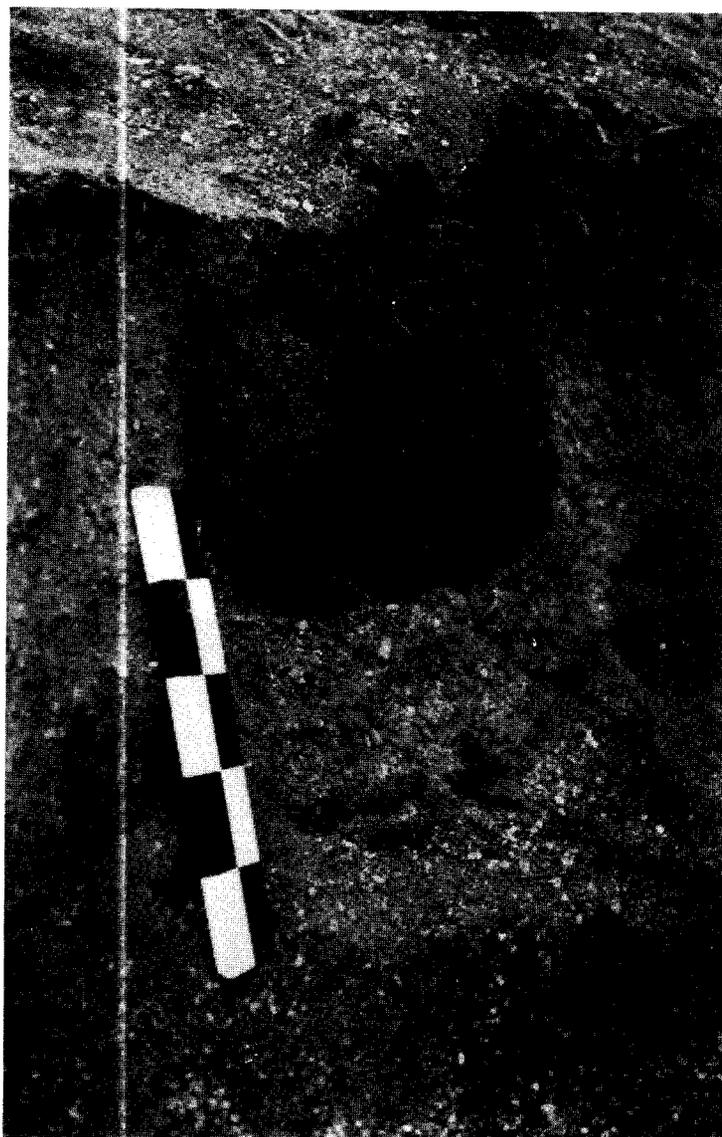


1

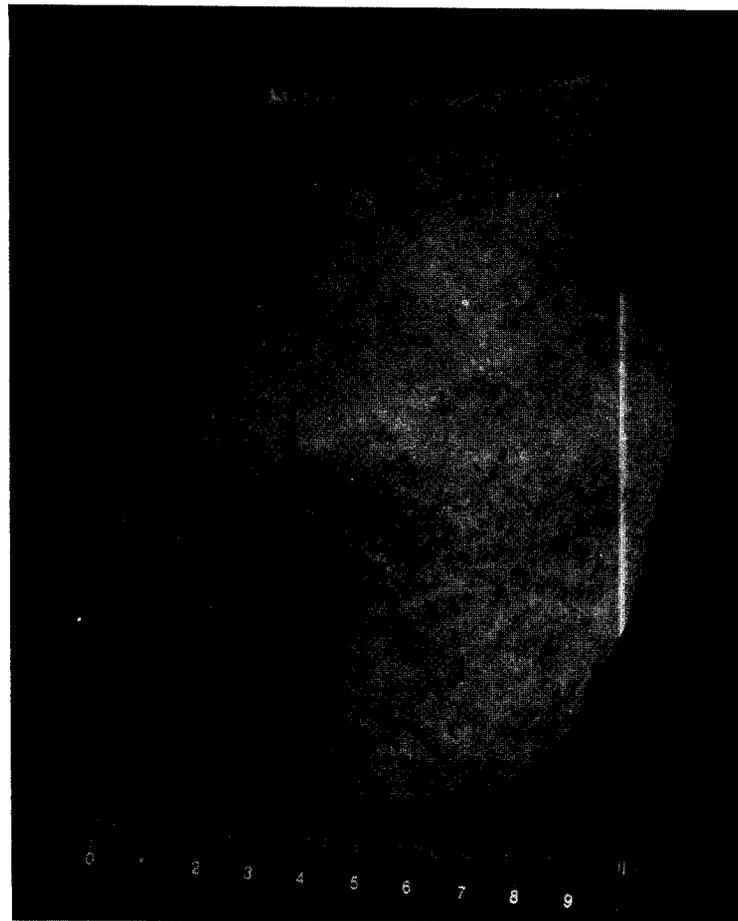


2

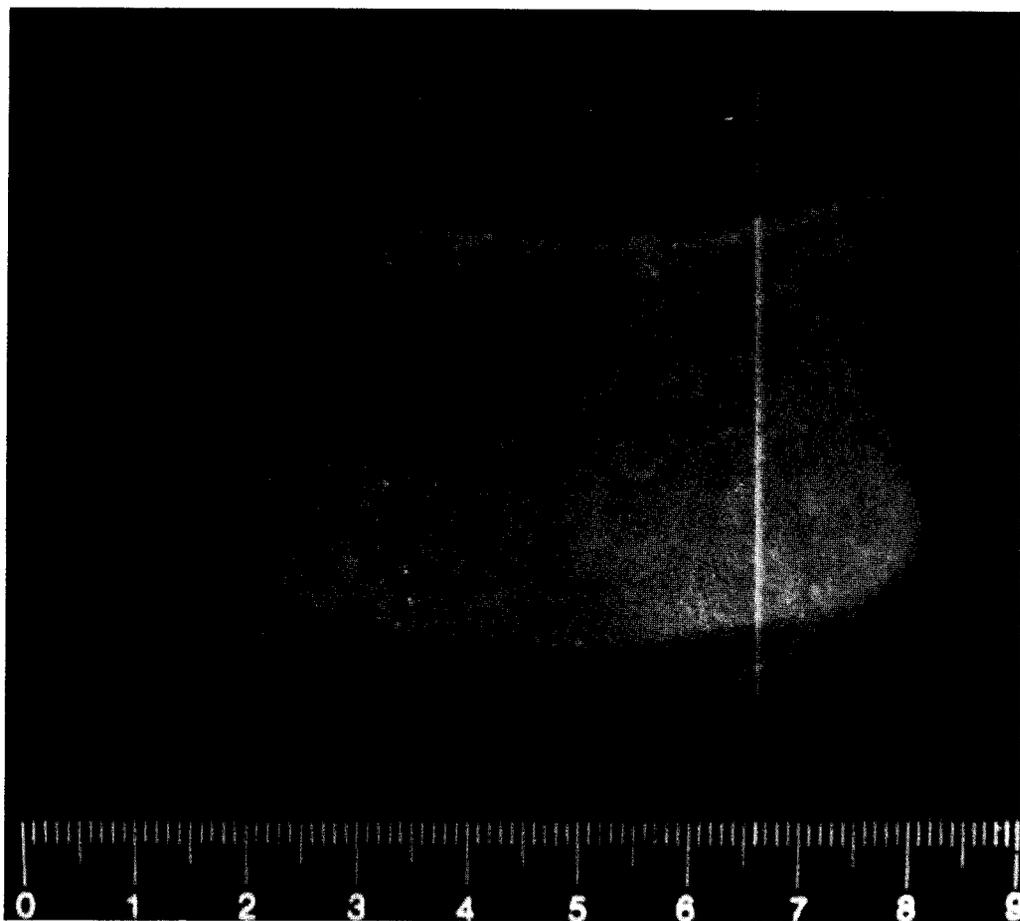
1. Aspecto do local do achado em Janeiro de 1989;
2. As duas depressões (A e B) então visíveis no corte praticado no saibro.



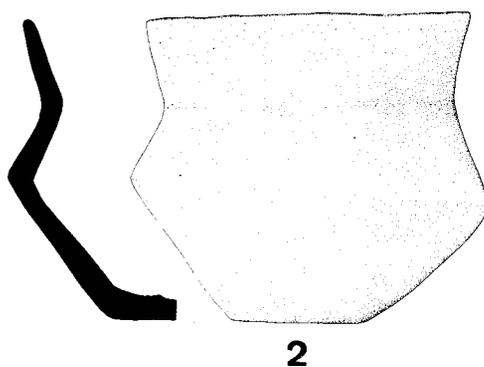
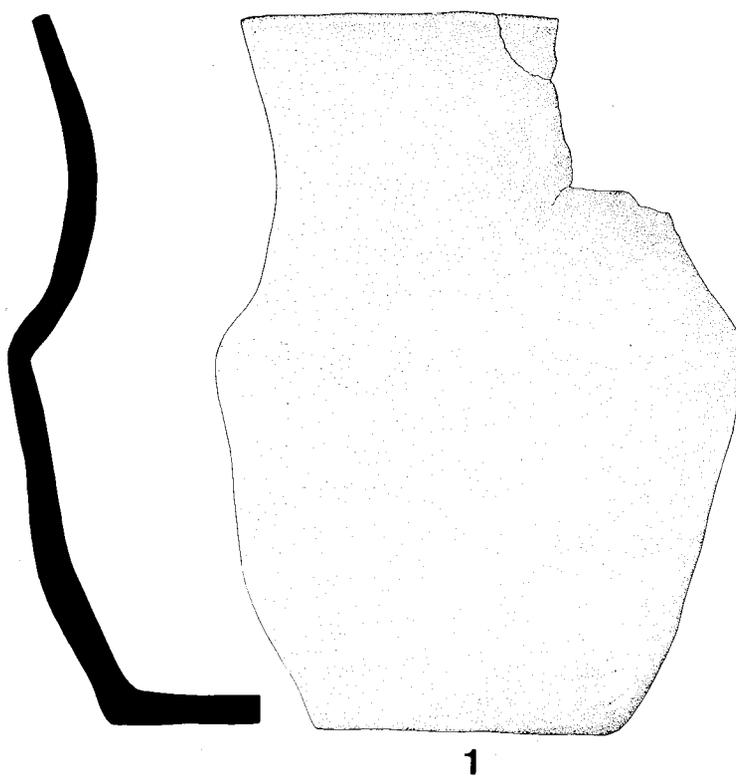
Pormenor da depressão B.



1



2



0 5cm

Desenho dos dois vasos (por M. J. Sanches).

